



Discussão 19

A passagem para o Ensino Fundamental, as novas tecnologias e a renovação da escola



No Capítulo 19 da História do Pequeno Reino

A perspectiva da ida dos pequenos Súditos para as terras do velho Bruxo tira o sossego da Rainha, preocupada com a possível diminuição do espaço para a iniciativa dos pequenos Súditos, para as trocas entre eles, para sua curiosidade insaciável e seu desejo de cantar, desenhar, ler, falar, discutir...



Apesar de abordar vários temas diferentes, essa penúltima discussão de nossa proposta é percorrida em sua totalidade por uma ideia principal:

Tudo aquilo que dá certo na Educação Infantil pode funcionar ainda melhor no Ensino Fundamental.

Princípios importantes da Educação Infantil deveriam ser valorizados ao pensarmos na escola como um todo, especialmente em uma época em que, cada vez mais, as novas tecnologias colocam ferramentas mais compactas e versáteis ao alcance de nossas crianças.



Ideias e Sugestões

Muitas vezes, existe uma oposição quase caricatural entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, e as crianças encontram, nessa passagem, o que a pesquisadora francesa Bianca Zazzo resume da seguinte forma:

Uma disciplina aumentada, baseada em um conjunto de proibições quase rituais, até então desconhecidas das crianças.¹

Essa mudança, que as crianças encontravam na primeira série, tornou-se mais precoce, na medida em que a criação do primeiro ano – na nova estrutura em que o Ensino Fundamental passa a ter nove níveis, em vez de oito – acabou, na maioria dos casos, antecipando em um ano a implantação de uma escolaridade mais passiva e “séria”.

Em pleno século XXI, a maioria das escolas de Ensino Fundamental continua a ignorar coisas básicas, como o fato de que a criança tem interesses próprios, um corpo e que pode assumir muitas responsabilidades.

Ao entrar na escola, ocorre uma diminuição brutal da liberdade de movimento e de expressão da criança, e esse parece ser um enorme erro de nossas concepções pedagógicas.

Autora de um estudo sistemático pioneiro sobre a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, Bianca Zazzo conta que os melhores resultados educativos, nessa passagem, foram conseguidos em salas que, em vez de mudarem totalmente os métodos, tentaram manter o mesmo tipo de trabalho mais “divertido”, com mais liberdade para as interações e para a expressão corporal, oral e gráfica das crianças. Suas conclusões, publicadas em 1978, são ainda mais relevantes meio século mais tarde.

1. Traduzido de: Bianca Zazzo. *Un grand passage, de l'école maternelle à l'école élémentaire*. Paris: P.U.F., 1978, página 22.



Iniciamos as sugestões práticas dessa discussão falando sobre o que pode ser feito na época de “mudar de sala”, especialmente quando essa mudança se faz da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.



Preparando a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental

As crianças que saem da Educação Infantil, em que normalmente há espaço para a iniciativa, podem levar um choque, se forem para escolas muito “tradicionais”, que acham que uma criança só aprende quieta e sentada, ouvindo o que é “ensinado”. Essa mudança de contexto pode ser muito ruim para as crianças.

Dentro do *Projeto Araucária*, trabalhando com as salas de “Pré” ou com o “Jardim II”, cansamos de ouvir histórias de crianças que – depois de ingressarem na primeira série – queriam voltar a estudar na creche e estavam tendo dificuldades terríveis para se adaptar na escola.

O que pode ser feito nesses casos? Não muita coisa, enquanto as escolas não renovarem mais profundamente suas práticas, confiando mais na criatividade de professores e das crianças.

Mas uma sugestão importante merece ser discutida, quando pensamos sobre a passagem de um ano letivo para o outro:

Conhecer a sala do próximo ano

Qualquer que seja a nova turma, ou talvez até a nova escola, para onde as crianças irão, uma sugestão que pode facilitar muito as coisas para elas é a de começar a conhecer, o mais cedo possível, a classe ou a escola para onde a maioria delas deverá ir no próximo ano letivo.

A ideia de entrar em contato com as salas para onde as crianças irão no ano seguinte pode ser interessante no trabalho com crianças de todas as idades, mas é especialmente importante na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Conversando com diretores e professores da escola, você pode marcar um passeio para conhecer a escola e a professora do “ano que vem”. O ideal é que as crianças possam conversar com as crianças da nova sala, conhecer a professora, mandar bilhetes para ela e para as crianças.

Basicamente, essa é a ideia, que pode ser enriquecida conforme as possibilidades de cada lugar.



Quando experimentamos essa sugestão, no *Projeto Araucária*, tivemos exemplos, poucos é verdade, de escolas que, surpresas com o desempenho das crianças de creches – que mandavam até bilhetes escritos por elas mesmas para suas futuras professoras – vieram ver o que estava acontecendo, iniciando um saudável processo de interação e experimentando novas ideias em suas classes de 1ª série (que seriam, atualmente, salas de 2º ano). Nesses lugares, a transição foi tranquila e tanto as escolas quanto as creches – sem falar nas crianças – saíram ganhando no processo.

Algumas escolas, sem se transformar muito, chegaram a criar salas especiais para as crianças de creches, pois elas “sabiam mais do que as outras”.

Mas, infelizmente, o caso mais comum ainda parece ser o de escolas em que a passagem é traumatizante. A mudança é radical e, só para dar um exemplo, crianças que já sabem ler são obrigadas a ficar, sentadas e caladas, vendo aulas sobre o “A”, o “B”, etc. Não que nós sejamos contra o ensino de letras, como ficou claro na Discussão 6. Mas o desinteresse das crianças é compreensível, nesse contexto, e é terrivelmente triste ver que muitas delas são consideradas “indisciplinadas”, e até chegaram a “reprovar” por isso.

Resumindo: Qualquer que seja a idade das suas crianças, pode ser bom para elas conhecer o lugar e a sala onde vão estar no próximo ano.



Conversar e dramatizar o que vem pela frente

Mesmo que não seja possível visitar a sala do ano que vem, é aconselhável conversar sobre as mudanças. Conhecendo as características do lugar para onde as crianças irão, você pode começar a prepará-las para uma adaptação que pode ser difícil.

Podem ser feitas conversas e brincadeiras sobre “a sala para onde a gente vai”, tentando entender as regras de lá, discutindo a sua necessidade, etc. É importante que as crianças possam fazer perguntas, fazer o papel de “alunos” da nova sala, falar sobre suas expectativas, etc.

Assim, a transição pode ficar um pouco menos difícil e, conhecendo e discutindo sobre a sala para onde irão no ano seguinte, as crianças podem começar a se preparar melhor para a mudança.



É claro que, quanto mais a nova sala encorajar as interações e permitir a expressão, mais parecida ela será com uma boa sala de aula da Educação Infantil, e mais fácil e menos traumatizante a mudança de ambiente será para as crianças.



O excesso de passividade

Muitas vezes, principalmente no trabalho com crianças mais velhas, o grande problema é que, acostumadas demais à escola tradicional, elas se tornam alunos e alunas extremamente passivos. Vamos falar um pouco sobre isso:

É muito comum que, devido às experiências no meio familiar e escolar, as crianças desenvolvam atitudes muito passivas. A escola tradicional, ao exigir silêncio e decidir tudo pelas crianças, foi uma verdadeira campeã na arte de influenciar as pessoas a se tornarem passivas, a esperarem tudo da voz do mestre, a única "voz" que podia se ouvir na sala.

Qualquer um de nós deve se lembrar: impedidos de conversar com os outros, obrigados a seguir lições quase sempre sem interesse, aprendemos a ficar quietos e a nos refugiar em nossa imaginação. As salas de aula eram lugares em que – caladas e fingindo prestar atenção – boa parte das crianças sonhava...

Todos nós aprendemos a ser passivos na escola, essa é uma condição para ter sucesso nela.

Ouvir muito e falar pouco, só quando solicitado, sobre o assunto escolhido pelo professor.

Um problema comum, quando uma educadora, ou educador, tenta introduzir um dinamismo maior em sua sala, é a grande passividade de muitas crianças, que já se acostumaram com a escola tradicional.



O que fazer com crianças muito passivas? Vamos ver apenas uma ou duas ideias, que estão longe de esgotar esse assunto tão importante.

Afinal de contas, para falar sobre a passividade que muitas crianças aprendem na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental, talvez fosse preciso mais uma história como a do Pequeno Reino, só que ela teria de começar com algo como:

"Era uma vez, nas terras do Velho Bruxo, um castelo onde nada acontecia, nem de noite, nem de dia..."

Vejamos duas sugestões importantes: dar ideias para colocar as crianças em atividade e oferecer oportunidades para o exercício da iniciativa própria.

Dar ideias para as crianças mais passivas

Crianças passivas são crianças que se desacostumaram a ter ideias e a tomar iniciativas dentro da sala. Crianças que, por exemplo, quando iam fazer um desenho, tinham que fazê-lo do jeito que o adulto queria e que depois não conseguem mais desenhar com criatividade.

Um "antídoto" para a passividade pode ser a possibilidade de fazer coisas interessantes, participar de jogos e brincadeiras divertidos, sem se preocupar em ser "avaliado" nem em apenas fazer o que o professor manda.

Todas as sugestões para brincadeiras divertidas, para participar de jogos, para bolar histórias junto com as outras, podem servir como um "gancho" para que a criança comece a ter uma participação mais ativa na vida da sala, começando a se divertir e a aprender.



Novas consultas às discussões 4, 6, 9, 15 e 16 podem ser especialmente úteis para buscar ideias que podem ser experimentadas para motivar crianças passivas demais. Mas é bom lembrar que, mais ainda que no caso das outras crianças, é preciso saber desistir de uma sugestão, se a criança não se interessa, confiar em sua capacidade e renovar sempre o convite para participar de outras atividades na sala.

Chances para tomar a iniciativa

Todas as ideias sobre envolver as crianças no dia a dia, que já vimos em muitas discussões, especialmente na 17, podem ser chances para que elas assumam alguma responsabilidade, tomem alguma iniciativa. Você pode convidar essas crianças para fazerem coisas como "regar as plantas", "ajudar a arrumar a sala", ser um "auxiliar" na chamada ou em outra atividade.

Aos poucos, sem que você force demais as coisas, as crianças mais passivas poderão começar a participar de algumas atividades e, com o tempo, se integrar cada vez mais à dinâmica do grupo.



É importante não esquecer que, **além das crianças passivas demais, existem crianças que aprendem muito observando as outras, e que são naturalmente menos ativas do que a média.** Com bom senso, você pode perceber, entre as crianças que participam pouco, aquelas que estão assimilando várias coisas, observando, e aquelas que precisam de mais atenção e carinho, que são as crianças fechadas em sua passividade.



Um exemplo – os alunos repetentes em Matemática

Em seu trabalho com Matemática no Ensino Fundamental, Ana Cristina S. Rangel conta sobre uma turma de 1ª série (2º ano) que, nas suas palavras:

*Era composta de alunos repetentes de um a quatro anos na série; esse fato repercutia sensivelmente em sua baixa auto-estima e na possibilidade de se sentirem seguros e confiantes em suas relações com os professores da equipe, com o próprio professor de classe e com os colegas do grupo.*²

Em seguida Rangel fala sobre seu plano de intervenção nessa turma:

*Nossa proposta era centrada na cooperação (...). Pretendíamos encorajar sua iniciativa e sua curiosidade, enquanto elas despendiam muito pouca energia para indagar, questionar (...)*³

Mas o trabalho encontrou um obstáculo poderoso, segundo ela:

*(As crianças da sala) tinham “aprendido na escola”, em seus anos de repetência, que quem sabe as “coisas certas” é o professor; que se aprende repetindo as “coisas certas” ditas pelo professor ou copiando-as do quadro de giz, o que nada tem a ver com a experiência concreta vivenciada.*⁴

Uma grande perseverança e o incentivo constante à iniciativa acabaram tendo efeito:

*(As crianças foram) superando seus “medos” de se expor a um trabalho que não o de “copiar do quadro” ou “fazer o que a professora mandava”. A situação foi lenta e progressivamente se modificando. (...) Ao final do ano, conseguimos que o trabalho cooperativo e a participação nos jogos em grupo fossem estendidos a todas as crianças dessa classe.*⁵

Com a participação nos jogos, vieram os resultados de aprendizagem e, ao tornarem-se mais ativas na sala, as crianças desse exemplo descobriram que podiam não apenas aprender Matemática, mas recuperar a autoconfiança, tudo graças à mudança no jeito de funcionar da sala.

Poderia ser assim em milhares de salas de aula pelo Brasil, cheias de crianças repetentes que se tornam cada vez mais passivas (ou, em muitos casos, cada vez mais agressivas...), dentro da sala, e cada vez menos integradas, fora dela.



A importância de fazer “alguma coisa” direito

Muitas vezes, crianças passivas são crianças que já não ousam mais “tomar iniciativas” e que começam a acreditar que são incapazes de ter uma participação ativa na vida de uma classe.

Essas crianças acabam desenvolvendo uma auto-imagem cada vez mais negativa. O “sucesso” em qualquer atividade pode ajudá-las a inverter essa situação e a recomeçar a construir sua autoconfiança.

Fazer qualquer coisa bem, por mais simples que seja, e ser elogiada por isso, pode fazer uma diferença fundamental na maneira como muitas crianças consideradas passivas veem a sala.

Especialmente com essas crianças, você pode demonstrar atenção, elogiar seus esforços e dar chances para que elas “tenham algum sucesso”. Isso pode ser feito fazendo brincadeiras fáceis, dando responsabilidades para as crianças e procurando explorar as coisas que elas parecem fazer bem.

Mais ainda do que as outras, as crianças passivas podem estar precisando de elogios e de atenção. Dando a elas atenção e a chance de participar com sucesso de algumas atividades, você estará ajudando essas crianças a superar a barreira da passividade, aprendida ao longo de uma educação que não deu impulso às iniciativas e diminuiu a sua confiança.



As novas tecnologias na educação

O mundo vive, nas últimas décadas, uma revolução tecnológica que vem se acelerando a cada ano.

2. Ana C. S. Rangel. *Educação matemática e a construção do número pela criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, página 240.

3. Idem, página 241.

4. Idem, página 241.

5. Idem, página 242.



Quando as primeiras versões dessa proposta eram rabiscadas, os telefones celulares, por exemplo, estavam longe de se transformar em verdadeiros computadores de bolso, capazes de fotografar, filmar, gravar, enviar... A Internet engatinhava e ninguém sonhava com o mundo virtual que surgiu em poucos anos, no século XXI.

O uso inteligente das novas tecnologias está entre os fatores que podem transformar as práticas das escolas no sentido de diminuir a passividade das crianças, aumentando as interações sociais e a cooperação. Para concluir essa discussão, vejamos algumas ideias sobre como integrar o computador, em uma proposta como essa.



Na segunda década do século XXI, a grande maioria das creches e boa parte das escolas das redes públicas ainda não possuem computadores e conexões de qualidade. Mesmo assim, é possível que nos próximos anos muitos desses lugares possam contar com algum tipo de artefato, como máquinas e filmadoras digitais, tocadores de música, telefones celulares cada vez mais versáteis, notebooks, etc.

Esses aparelhos poderão ser aproveitados em um sem fim de atividades.



É muito importante deixar claro que é perfeitamente possível fazer uma ótima educação sem computadores, usando apenas as "velhas" tecnologias. Mas os computadores e as novas tecnologias podem ser auxiliares importantes de uma boa educação.

Também é importante lembrar que as novas tecnologias podem não servir para muita coisa, se forem usadas sem mudar em nada os modos tradicionais da escola funcionar.

Uma anedota nos permite ilustrar essa ideia:

Uma piada sem graça nenhuma: a cena, imaginária, acontece em uma sala de aula de uma escola de Ensino Fundamental, em uma aula de matemática. A professora, que está segurando um computador em cada mão, pergunta:

- Bem, crianças. Eu tenho um computador nessa mão e outro nessa mão aqui. Quantos computadores eu tenho, ao todo?

Essa anedota era contada, no final dos anos 1980, para ilustrar o quanto os computadores podiam não servir para nada, dentro das escolas, se não fossem usados de forma inteligente...

Mesmo com os melhores computadores e conexões, a educação pode continuar "ultrapassada". E nós sabemos também que, quando há curiosidade, diálogo e imaginação, a educação dará excelentes resultados, mesmo que não haja computadores por perto.



Mas vejamos algumas das funções úteis que podem ter os computadores, no trabalho pedagógico:

Softwares educativos, ensino curricular e construção de autoconfiança

Os jogos educativos para computador podem ser grandes facilitadores da tarefa de "ensinar". Eles abordam os mais diversos conteúdos e propõem muitos problemas para as crianças.

Mesmo os jogos para computador mais simples – como *jogo da força*, *jogo da velha* ou jogos de matemática que se limitam a propor "continhas" – podem ter um papel importante na educação. O fato de que os próprios jogos assumem a tarefa de corrigir as respostas transforma toda a situação de ensino, e tem uma importância fundamental para quem trabalha com crianças "em dificuldades".

Os softwares educativos podem ser especialmente úteis em dois casos: com crianças que estão em dificuldades em alguma área – que podem (e devem) começar a experimentar o "sucesso" em jogos para idades mais baixas, e para crianças que se interessam especialmente por algum assunto, e que podem passar muito tempo "jogando" e, assim, aprender cada vez mais sobre suas áreas de predileção.

O fato é que, com um bom acervo de softwares educativos – que pode incluir jogos mais sofisticados, como simuladores e até, eventualmente, videogames adequados para crianças – fica mais fácil fazer uma "pedagogia diferenciada", ou seja, que oferece desafios mais apropriados às características de cada criança.



Caso você se interesse por essa discussão, sugerimos a leitura, aqui mesmo, de um artigo que discute com mais detalhes essa questão do aproveitamento dos softwares educativos, e que tem o título de *A paciência de Jó dos computadores*.⁶

6. Veja o texto "Pequeno Reino – Artigo 5", no *Blog do Luca*.



O sonho de Freinet, 100 anos depois

De todos os usos inteligentes dos computadores e das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação), nenhum tem um potencial tão revolucionário para a educação quanto o aproveitamento da Internet para colocar em contato alunos(as) de lugares diferentes do mundo.

Hoje, é cada vez maior o número de casos em que estudantes de escolas brasileiras entram em contato com colegas de escolas de outros países, como os Estados Unidos, a Austrália, Portugal, etc. A partir desse primeiro contato, via email ou por redes sociais, abre-se um número imenso de possibilidades educativas, principalmente a partir do momento em que as crianças de um lugar perguntam às outras:

- "Por favor, nos digam, como é que são as coisas por aí?"

Todo um "currículo vivo" – nos moldes do que vimos nas discussões 7, 8, 9 e 10 – pode ser construído a partir daí, e isso está sendo feito cada vez mais, em interações entre boas escolas, por todo o planeta.



Como vimos na Discussão 10, a ideia de fazer alunos de uma escola conversarem com os de outra tem uma história que começa muito antes dos computadores, com o grande educador francês Célestin Freinet (1896–1966). Vamos falar um pouco sobre ele.

Freinet, a guerra e uma revolução escolar: Ferido no pulmão durante a Primeira Guerra Mundial, encontramos Freinet, por volta de 1925, sem fôlego nem paciência para passar o dia tagarelando para os filhos de camponeses pobres, seus alunos, nas aldeias do Sul da França. Nas palavras de sua mulher, Freinet buscava:

Um compromisso que por um lado poupasse sua saúde e por outro desse às crianças um papel mais ativo no plano escolar.⁷

A solução veio com uma revolução: Freinet comprou uma velha "imprensa", dessas de fazer jornais, e colocou-a no coração de sua sala. As crianças começaram a montar textos, contando seus passeios pela sua aldeia, seus sonhos, seu mundo. Os textos eram compostos e impressos até pelas crianças ainda não alfabetizadas. Logo, os alunos de Freinet trocavam, pelo correio tradicional, textos, desenhos e poesias com escolas da França, Europa e da África.



Assim Freinet criou, antes de 1930, uma técnica simples e revolucionária, que chamou de "correspondência interescolar". Quase um século mais tarde, computadores e aparelhos cada vez mais portáteis, todos conectados à Internet, facilitam as trocas entre escolas de diferentes lugares e permitem que elas se comuniquem entre si cada vez mais.

Repetindo o que já dissemos na Discussão 10, podemos afirmar com toda certeza que Freinet, que gostava de novas tecnologias, certamente ficaria encantado com as possibilidades de comunicação e expressão oferecidas pelos computadores. Com eles e a Internet, ficou muito mais fácil realizar o seu sonho, de uma rede de escolas em que boa parte da atividade das crianças consiste em produzir materiais e textos para serem trocados com crianças de outros lugares.



Como aproveitar o computador, esse verdadeiro "superlápiz"?

Herbert Kohl é um educador muito conhecido nos Estados Unidos desde o final da década de 60, quando publicou o livro *36 Children*, relato de seu trabalho com uma turma de crianças marginalizadas (de 11 a 14 anos), no Harlem, em Nova Iorque. O livro, um clássico da Pedagogia, conta histórias muito bonitas e reais sobre a educação primária nos "guetos".

Muitas décadas depois, encontramos Kohl ainda comprometido com a educação das crianças marginalizadas da América. Poderíamos esperar, talvez, que ele visse os computadores de forma negativa, mas não é isso que acontece: é ele que assina o prefácio do livro *Computers in the Classroom*, publicado em 1996 pela Apple Press, relato de meia dúzia de experiências muito interessantes em que computadores Macintosh foram parar no coração de salas de aula dos EUA.

Para Kohl, já naquela época, os computadores permitiam que cada sala de aula se tornasse mais do que um espaço para ter aulas:

(Cada classe pode tornar-se) um centro de comunicação, uma casa de edição, um centro de arte

7. Élise Freinet. *O itinerário de Célestin Freinet*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, página 18.



*multimídia e um centro de pesquisas que pode se valer dos recursos da Livraria do Congresso e do Instituto Smithsonian.*⁸

O potencial dos computadores é muito grande para renovar a educação, atualizar os currículos, conseguir resultados de aprendizagens ótimos para todas as crianças. Se isso já era verdade em 1990, hoje é mais ainda...



Sabemos, e as pesquisas comprovaram, que em um grande número de casos os computadores não foram bem utilizados na educação escolar. Em vez de aproveitar suas grandes possibilidades para implementar uma educação renovada, escolas acabaram relegando os computadores a algum canto, encostados ou servindo como simples apoio às matérias tradicionais.

Isso irritava muito pedagogos como Herbert Kohl, que percebiam o imenso desperdício desse formidável instrumento. Aliás, Kohl foi um pioneiro no uso dos computadores, no início dos anos 1980. Ele conta que, quando usou seu primeiro computador (um *Atari 400*) na escola, muitos se perguntavam:

*Será que ele deve ir para as atividades de escrita, matemática, ciências ou para o centro de artes? Eu recoloquei a questão, pensando em outros instrumentos. **Eu nunca limitei os lápis, canetas ou réguas a um lugar apenas. Eles eram úteis para tudo.***⁹

O **computador é muito mais que um lápis**, é uma poderosíssima "extensão da mente". Computadores são verdadeiros "**superlápis**" e, ao mesmo tempo "**superlivros**"... Por isso, é importante que as crianças comecem o mais cedo possível a usá-lo como um instrumento para desenhar, fazer textos, pesquisar informações, brincar, comunicar-se com os outros, etc.

Com a evolução espetacular da rede mundial de informação e das novas tecnologias, surgem novos tipos de aparelhos, cada vez mais leves e poderosos, que tornam a metáfora do "super lápis" cada vez mais adequada para pensarmos sobre o aproveitamento, dentro de nossos centros de educação, de computadores portáteis, telefones celulares, tablets, etc...



Mesmo em escolas em que os computadores não ficam na sala, mas em "laboratórios", é importante usá-los como instrumentos de comunicação com outros lugares, e como auxiliares na produção de textos, livros, material multimídia, etc.

Por exemplo, a brincadeira de "escrever as palavras favoritas", que vimos na Discussão 6, pode ser feita melhor ainda se você cadastrar as palavras favoritas das crianças no computador e, com a ajuda da criança, escolher o tipo e o tamanho da letra em que as palavras favoritas serão impressas.

Muitas atividades se tornam mais fáceis ainda com o computador, e ele pode virar um objeto ao qual as crianças recorrem para escrever seus textos, fazer consultas e muito mais.



É importante multiplicar as formas como os computadores são aproveitados, senão o risco é que eles virem apenas uma fonte de jogos, o que, se tem seus aspectos positivos, não esgota de forma alguma seu potencial como instrumento capaz de transformar a escola.

Em um encontro sobre Freinet realizado em 1990, na França, um autor defendia e justificava o uso das novas tecnologias na educação:

(Elas permitem) *colocar a criança em situação de comunicação verdadeira e em posição de emissora (de mensagens).*¹⁰

Quando sabemos que, para Vigotski e boa parte da Psicologia moderna, o desenvolvimento da inteligência deve muito à riqueza das situações de comunicação vividas pela criança, temos uma ideia melhor de como a concepção de Freinet não apenas permanece moderna, mas se torna ainda mais importante, e nos ajuda a pensar nos usos das TIC, no século XXI.



Na Discussão 10, falamos sobre creches de duas cidades do Paraná que haviam iniciado uma troca de correspondência pelo correio. Sem os computadores, essas creches já estavam fazendo o que muitos lugares com computador não ousam fazer.

8. Traduzido do Prefácio de Herbert Kohl, em: Andrea R. Gooden. *Computers in the classroom*. San Francisco, Apple Press, 1996, página XIII.

9. Idem, página XV.

10. Traduzido de Alex Lafosse, "Vers de nouvelles formes de textualité dans une pédagogie de la communication", em: Pierre Clanché, Éric Debarbieux e Jacques Testanière (orgs.) *La pédagogie Freinet, mises à jour et perspectives*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 1994, página 282.



Na verdade, é a filosofia de um centro de educação que irá definir se computadores e outros artefatos serão usados a serviço da visão tradicional da escola, ou se eles serão, cada vez mais, instrumentos de apoio à criatividade, à expressão e à comunicação.



Um artigo disponibilizado aqui discute um pouco mais caminhos para aproveitar as novas tecnologias para construirmos uma escola cada vez mais atraente e relevante para as crianças do século XXI. Sugerimos que você acesse e leia o artigo, que tem um título bem comprido: *Os novos artefatos informatizados e as chances de uma escola mais legal*.¹¹



Escola na Educação Infantil ou Educação Infantil na Escola?

Concluindo essa penúltima discussão lembramos que, diante da diferença entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, alguns acham que a solução é "escolarizar" a Educação Infantil e começar cada vez mais cedo a "dar aulas" e a usar exercícios pré-fabricados e currículos prontos. Infelizmente parece ser essa a tendência acentuada com a criação do 1º ano, antecipando o início do Ensino Fundamental.

Outros, entre os quais essa proposta se inclui, preferem uma espécie de "pré-escolarização da escola", aumentando a importância do corpo e do movimento, das interações, da comunicação com os outros, da construção de um currículo "vivo", no qual os livros didáticos passam a ser um recurso a mais, e não o centro de tudo, deixando de ser o fio condutor de um ensino totalmente predefinido.

Para nós, o 1º ano do Ensino Fundamental deveria ser mais um ano para brincar, em vez de introduzir precocemente as crianças ao excesso de passividade imposto pela necessidade de "dar aulas". Escolas são lugares muito especiais e importantes para perdermos tanto tempo apenas "dando aulas" para crianças sentadas e passivas...



Resumindo

Na era da Internet, quando o espaço se torna cada vez mais "transparente", quando as informações surgem e circulam em ritmos cada vez acelerados, quando o imprevisível faz parte da marcha da sociedade, não é nem um pouco absurdo defender o uso cada vez maior da "interatividade" dentro das escolas e a ideia de que ela prepare as crianças para cooperar, trocar informações, ter flexibilidade. Essa pode ser a grande lição que a Educação Infantil tem a trazer para todos os outros níveis de ensino.

Aliás, cada vez mais escolas, no mundo inteiro, fazem isso. Ou seja, em vez de as escolas de Educação Infantil copiarem a escola tradicional e seus métodos seculares, parece-nos muito melhor que, como em boas escolas pelo planeta, a Educação Fundamental copie cada vez mais o espírito de jogo, de pesquisa e de diálogo que é muito mais comum nas propostas para a Educação Infantil.



11. Veja o texto "Pequeno Reino – Artigo 6", no *Blog do Luca*.

Esta discussão faz parte da proposta pedagógica "A História do Pequeno Reino", de Luca Rischbieter, que pode ser acessada no endereço: www.luca.br - Ilustrações Franklin Agostinho. ©2011 Luca Rischbieter. Todos os direitos reservados.